

Uma voz infantil parecia emergir de um poço profundo, enquanto um vento escaldante soprava contra seus rostos. A luz intensa dobrava-se sob suas pálpebras, fazendo seus olhos doerem, e o cheiro forte de queima invadia suas narinas. Sem combinarem, os dois se jogaram no chão no mesmo instante. Algo os esmagava, fazendo seus corações quase pararem — uma pressão cem vezes mais intensa do que a técnica secreta de Mai Tokuyama, "Lâmina do Ciclone", sufocante a ponto de tirar o fôlego. A sensação durou apenas um instante, mas foi o suficiente para que se sentissem como se estivessem no meio de um inferno em chamas. — O que foi isso? — Chu Zihang franziu a testa, perguntando. Mai Tokuyama apenas encolheu os ombros, sem responder. Juntos, os dois olharam em direção ao centro da igreja. O local parecia ter sido varrido por um vento de fogo, cercado por uma densa fumaça. As fileiras de bancos de carvalho, que em tempos abrigavam convidados em casamentos, testemunhando alegres aplausos e felicitações, estavam agora partidos ao meio, com as extremidades irregulares brilhando em um tom avermelhado. O denso carvalho queimava lentamente, incendiado por algo inexplicável. Aquela madeira secular era tão resistente quanto ferro brut. — Nome, qual é a situação? — Chu Zihang pegou a bainha da espada que estava no chão e guardou Chuuxue lentamente, enquanto olhava para o teto da igreja, adornado com pinturas intrincadas. Nenhuma resposta. O silêncio continuou pairando sobre a igreja. — Nome não responde. Não sei o porquê. — Chu Zihang permaneceu calmo, sua expressão inalterada. — Esses sistemas sempre falham na hora crucial. — Mai riu baixinho. — Já sabia que o sistema elétrico da sua faculdade foi feito por alguma empresa terceirizada. Chu Zihang observou ao redor enquanto a fumaça dissipava-se gradualmente. — Então era isso... Você tinha tantas borboletas. — comentou. Ao redor deles, oito prendedores de cabelo em forma de borboleta estavam suspensos por fios quase invisíveis. Mai usara esses enfeites para criar a ilusão de vozes vindas de todas as direções. Ela os recolheu, guardando-os. — Ei, olha ali em vez de ficar encarando os acessórios femininos, mesmo que você seja bonito. — Mai apontou para frente. — O púlpito tem buracos no chão. Chu Zihang seguiu a direção indicada. Uma fileira de buracos perfurava o assoalho de teca, expondo o cimento cinzento embaixo. Aproximando-se, ele se agachou para examinar. — Se foram feitos por alguém, essa pessoa tem cerca de 1,60m. O espaçamento entre os passos é dois terços do meu. Mai também pisou sobre as marcas. — E também dois terços do meu. Ah, não estou dizendo que você é baixo, moço. — Ela sorriu. — Vamos seguir esses rastros. — Por que você é tão baixinho? — Mai perguntou de repente. — Homens com menos de 1,80m não dão muita segurança, sabe? — ... — Chu Zihang ficou sem resposta. A altura realmente era seu ponto fraco. — Algum respeito pelo inimigo não faria mal. — Quando crescer mais, mudo o discurso. — Mai seguiu as pegadas em direção à saída da igreja. — Espera aí, preciso ligar pro meu chefe. Na parede por onde ela saía, havia um buraco derretido, as bordas ainda brilhantes. Chu Zihang analisou mentalmente: — A parede é de concreto... Derreter isso instantaneamente requer uma temperatura próxima à da superfície solar. — Relaxa. — Mai estava do lado de fora, digitando algo no celular. — Quando o chefe chegar, seja lá o que for essa coisa, ele resolve. Chu Zihang olhou para sua silhueta encantadora. — Quem é o seu chefe? — Segredo. — Ela virou-se com um sorriso enigmático e afastou-se ainda mais. Chu Zihang ouviu apenas fragmentos da conversa: coelho... pare de perambular por aí... Ele sacudiu a cabeça e voltou para dentro da igreja. Não tinha interesse em bisbilhotar, mas a frase que Mai dissera durante a luta ainda ecoava em sua mente: "Se gosta de alguém, vá atrás. Não espere que venha até você... Talvez ela também esteja esperando." Parecia carregar tanto arrependimento quanto expectativa. — Ei, Mai? — Lù Míngfēi encostado na parede do dormitório de Nono, atendeu o celular. — Que houve? — Coelho, pare de passear com sua namoradinha. — A voz de Mai vinha do outro lado. — O diretor já libertou Constantino. É melhor você vir agora. — Ah... — Lù Míngfēi suspirou. — Tá, já estou indo. Tô no dormitório das meninas, ela tá calçando o sapato. — Sua exibição de romance já basta. — O tom de desdém foi claro antes do clique do telefone. Lù Míngfēi olhou para o celular e resmungou: — Isso conta como romance? — De quem era a ligação? — Nono apareceu na porta. — Melhor não ser de outra garota, senão... — Nada disso! — Ele escondeu o iPhone no bolso em pânico. — Quem ia gostar de mim, sabe como sou? — Suspeito... — Nono observou-o com desconfiança. — Por hoje acredito, mas lembra o que eu disse? — O quê? — Ele

revirou a memória. — Que se você realmente virasse meu namorado, eu ia rir e te sacanear o dia inteiro. — O sorriso de bruxa apareceu enquanto ela afagava sua cabeça. — Então se prepara, xodó~Lu Mingfei pensou consigo mesmo que devia ter imaginado que seria assim, mas não estava incomodado com a situação. — Pronta, senhora? Já trocou de sapatos? — perguntou ele. — Pronta. — Nono pegou sua mão e o puxou para fora do dormitório. Lu Mingfei sentiu um pouco de pena — queria ter visto como era o quarto dela. — Nem pense muito. É só eu e Su Qian no dormitório, nada do que você imagina — disse Nono, sem sequer olhar para trás. — Ah, é? — Lu Mingfei coçou a cabeça, se arrependendo um pouco de ter dado a ela aquele dom. Uma bruxinha que lia mentes era assustadora demais! [...] Lao Tang se agachou atrás de um canteiro de flores, olhos alertas varrendo os arredores. Nas sombras próximas, garotas vestidas com vestidos brancos carregavam metralhadoras Uzi e lanternas, vasculhando tudo. Que tipo de faculdade é essa onde as alunas andam armadas? — Encontrei ele! Aqui! — uma delas apontou para o canteiro e ergueu a Uzi, disparando. Lao Tang rolou para o lado, evitando a rajada de balas por um triz. Merda! Não deixei nenhum rastro... Como ela me viu? Correu em direção ao portão da escola, mas as garotas de vestido branco, segurando os saltos altos com uma mão e as Uzis na outra, continuavam atirando. Era pra ter sido uma missão fácil. Ele já imaginava tudo terminando ali — bastava reportar ao contratante a localização do objeto, receber os 5 milhões de dólares e se aposentar, viajando sem destino por ilhas paradisíacas, de areias brancas e mar azul. De vez em quando, voltaria para visitar Mingfei e chamar Fingal, com grana suficiente para bancar um tour pelos EUA inteiro. Mas... mas por que tudo deu tão errado? Uma sensação de desastre pairou sobre ele. Olhou para trás. As garotas ainda corriam atrás. Respirou fundo, parou de repente e gritou: — Parem de me seguir, ou eu mato todo mundo! Tentou parecer o mais ameaçador possível — seu rosto gentil sempre atrapalhava nessas horas, fazendo as pessoas acharem que estava brincando. Mas, desta vez, funcionou. As góticas de vestido branco congelaram, expressões assustadas surgindo em seus rostos, e começaram a recuar. — O que foi isso? Parece que viram um fantasma... — murmurou Lao Tang, desconfiado. O efeito foi bom, mas bom demais. — Irmão. De repente, um clarão avermelhado o envolveu. O calor de um fogo infernal rolou em sua direção, como se um sol estivesse nascendo atrás dele. — Você tá de sacanagem... — ele engoliu seco, virando devagar. Diante dele, uma figura em chamas estendia os braços, como se quisesse um abraço. Ondas de calor ardente batiam em seu rosto. Os olhos do homem brilhavam em dourado, sua pele rachada como terra seca, com lava escorrendo nas fissuras. Então, seus lábios se distorceram em um sorriso monstruoso. — Irmão. — FANTASMA! — Lao Tang berrou, girando no pé e saindo em disparada. — EU NÃO SOU SEU IRMÃO, PORRA! — Todos em RETIRADA! REPITO, RETIRADA IMEDIATA! — O professor Schneider rugiu pelos alto-falantes. À medida que a figura flamejante passava por um transformador, o metal derreteu instantaneamente, faíscas explodindo como uma fonte de até dois metros de altura. A explosão carbonizou tudo ao redor. Rajadas de metralhadora cortaram o ar. Membros da Sociedade do Coração de Leão e do Conselho Estudantil, bem treinados, atacavam de ambos os lados, formando um cerco perfeito. Todos armados com rifles M4, disparando balas de aço calibre 5.56 numa cadência de 900 tiros por minuto. Pentes eram trocados num piscar de olhos. Mas nenhum projétil acertou o alvo. A cerca de dois metros do homem, as balas simplesmente se desfaziam, derretidas por um calor invisível. O metal derretido formava uma barreira líquida, repelindo cada disparo como mariposas em chamas. — Professor, munição convencional é inútil — disse Lancelot, vice-líder da Sociedade, ao telefone. — Usem balas Frígia! — a voz nervosa do professor Schneider veio pelo fone. — Só elas podem afastá-lo! — O quê? — Lancelot hesitou, achando que era piada. — O Rei de Bronze e Fogo tem controle absoluto sobre metais e chamas em seu domínio. As balas derretem e perdem velocidade antes mesmo de tocá-lo — explicou Schneider, acelerado. — Mas ele não controla materiais não metálicos! Enquanto o domínio dele estiver ativo, as balas Frígia são mais eficazes que munição real! — E o efeito anestésico? Funcionaria? — Não. O calor vaporizaria os compostos antes de entrarem na corrente sanguínea. — Mas ainda transferem impacto. Ou seja: você não mata, mas empurra. — Entendido. Ordenando a troca imediata. — Rápido! RÁPIDO! — Schneider quase gritou. — O reitor acabou de me avisar: esse não é Nuodun, mas Constantino, o

outro Rei de Bronze e Fogo! Os Dragões sempre vêm em pares! — E tem mais... — a voz do professor baixou, tensa. — Essa... é a versão insana do Constantino. Lancelot engoliu seco. — Versão... insana? O que isso significa? — O Rei Dragão descontrolado foi despertado pela pessoa errada, da maneira errada. Nesse estado, seus poderes estão instáveis e seu corpo não está totalmente formado. Pode parecer forte, mas é justamente porque não consegue controlar sua própria energia. O corpo dele vai entrar em colapso a qualquer momento! — explicou alguém, a voz carregada de urgência. — E o que acontece quando ele entra em colapso? — perguntou outra pessoa. — O que você acha que acontece quando o Rei Dragão do Bronze e do Fogo desmorona, seu imbecil? É a maldita Invocação da Serpente de Fogo, claro! Lançlot, você dormiu nas aulas de invocações ou o quê? — O professor Schneider, raramente perdendo a compostura, berrou no telefone, antes de ser interrompido por uma tosse violenta. Seu estado de saúde não permitia tanta agitação. — Agora, seu trabalho é atrasá-lo o máximo possível. O diretor está a caminho! — Respirou fundo no aparelho de oxigênio antes de completar: — Boa sorte. Lançlot deixou o telefone cair lentamente, murmurando para si mesmo: — Invocação da Serpente de Fogo... o poder supremo do Rei Dragão do Bronze e do Fogo. Dizem que, se usado por um dragão em seu auge, pode ferver o rio Yangtzé inteiro em segundos...[...]Enquanto isso, Chen Mo Tong — ou "Nonô", como era chamada — arrastava Luming Fei em direção ao clarão de fogo no horizonte. De repente, alguém quase colidiu com eles. Com um movimento ágil, Nonô agarrou a pessoa pela gola e pressionou os dedos contra sua garganta, imobilizando-a. — Nossa, mestra, que pegada profissional... Hein?! Fingel?! Por que é você, seu cachorro? — Luming Fei arregalou os olhos ao reconhecer o colega desmazelado. — Cadê você estava até agora? Fingel, ainda vestindo seu terno cinza prateado, segurava um saco plástico em uma mão e uma coxa de frango na boca. — Meu irmão, que diabos você está fazendo aqui com um frango na boca?! Você é tão inútil quanto um pedaço de pau! — Luming Fei teve que se segurar para não chutar o amigo, lembrando-se de todas as vezes que já haviam se salvado mutuamente. — Oooohhh... — Fingel tentou falar com a boca cheia. — Quer imitar um galo agora? — Nonô revirou os olhos. — Eu... eu só estava levando as sobras do banquete do César pro dormitório... quando apareceu aquela coisa! — Finalmente engolindo o pedaço de frango, Fingel fez uma cara de cachorro abandonado. — Esquece isso! — Luming Fei já estava correndo na direção das chamas. — Vem com a gente, agora!